

2. Domingo era dia de comida especial

A alimentação convertida em comida dirige-se à prática cultural entregue à imaginação dependente da afetividade atuante na esfera psíquica individual e coletiva. Em Ernst Bloch só a imaginação permite à consciência humana lançada a uma situação específica ou mobilizada contra a opressão¹. O registro deslocado do desejo e da vontade conferido à transformação social. Nessa dinâmica de reordenamento de expectativas e remanejamentos, a comida inscreve os grupos interrogados na construção de uma origem, forma e sentido referido a um conjunto de circunstâncias identificadas na história.

No inventário dos valores enunciados aos sentidos, a comida na vida cotidiana é constitutiva dos símbolos, funda operações políticas e sociais fixados à memória, atualiza a realidade partilhada nas representações que falam do passado e fazem projetos para o futuro. Em Afonso Romano Santana (2003), as representações emergem de um conteúdo recalcado que volta à tona aplicado à encenação. Oferecem forma no espaço aos movimentos estabelecidos às relações sociais vividas nos terreiros das casas, nas roças, nos lares, nas vielas, nos comércios varejistas, nos mercados populares, nas ruas e bairros na paisagem do contexto urbano.

Essa encenação consiste numa apresentação, numa leitura possível entre outras, num ponto de vista particular, neste caso do encenador, não negando mas participando da multiplicidade do sentido. É uma arte complexa e difícil porque trabalha com os homens e as coisas e evocando tanto o aspecto ou os caracteres físicos dos seus variados elementos, como o seu papel moral, o o seu toque pessoal e especial no conjunto definido e harmonioso da acção. (António Pedro - *Pequeno Tratado de Encenação*, Confluência, Porto, 1962: 16).

Nesse contexto polissêmico, o enunciado ganha novo significado, a representação se abriga na diferença, e o desafio é ouvir o outro: Maria Luísa França da Silva é uma mulher negra, tem cinquenta e cinco anos, é solteira, tem duas filhas e três netos. É acompanhante de um casal de aposentados, moradores no bairro da Urca. Mora em uma casa herdada da mãe, localizada no bairro de Coelho Neto, no subúrbio do Rio de Janeiro. A casa é construída em um lote de

¹Ernst Block, cit. por Pierre Furter. *Dialética da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974:94-8; por Arno Munster. *Ernst Bloch: Filosofia da práxis e utopia concreta*. São Paulo: Unesp, 1993:11-9 e 92-3, por Luiz Bicca. *Marxismo e liberdade*. Belo Horizonte: Loyola, 1987: 22-34 e 72-80.

grande extensão onde atualmente cada tia possui sua casa. Parte desse terreiro no tempo da mãe da entrevistada era onde se criavam patos e galinhas.



Figura 1 - Maria Luísa França da Silva

Nós temos quatro domingos, três domingos nós comíamos galinha ao molho pardo. Minha mãe tinha criação de galinha em casa. Ela passava a faca no pescoço da galinha, tirava a pele, matava, retirava o sangue e nisso já tinha uma água fervida onde a galinha era imersa, limpa e depenada. Minha avó tinha outro método, ela torcia o pescoço da galinha. Todos nós comíamos galinha a mesa. Tinha um jogo que era brincado com um pedaço da galinha que se assemelhava a uma atiradeira. Havia uma disputa entre duas pessoas, quem quebrasse o osso e ficasse com a parte maior ganharia o jogo. Quando não comíamos galinha no domingo, o prato era substituído por uma carne assada com macarronada assim como o frango também podia ser servido com macarrão ao molho pardo. Quando deixamos de criar galinha passamos a comprar no aviário. Depois comprávamos a galinha viva no Mercado de Madureira quando mandávamos matar, recolhíamos o sangue e a comíamos ao molho pardo. (Maria Luísa França da Silva).

A imagem do mundo de si e do mundo de fora trazida por Maria Luísa retrata um lugar de familiaridade idealizador de uma vivência em que se compartilhava a galinha no almoço de domingo. As práticas culturais associadas aos hábitos alimentares destacam as maneiras de comer, de falar referida à construção da diferença, à analogia, à similitude simbolizada nas metáforas, designadas aos valores morais, psicológicos, socioeconômicos dimensão das

contradições e dos obstáculos pessoais, sociais sucumbidos ante a existência de desigualdade. Maria Luísa particulariza uma ação, enriquece uma discussão impregnada de sinais e de relações de troca entre os pares, confere sentido à narrativa. Esse sentido, no olhar de Norbert Elias (2001: 63), constituído de pessoas dependentes uma das outras que se comunicam entre si. O sujeito constituinte de uma categoria social revelada no perímetro urbano, palco das questões raciais e sociais transformada no trato em sociedade.

Todo domingo era dia de galinha distingue formas de sociabilidades formuladas às pessoas em seus propósitos de mudar de vida. Nesse plano, na concepção teórica de Patrícia Collins, a realidade da mulher negra é compreendida no papel tradicional como mães, "outros tipos de mães", sobreviventes do mundo rural, na urbanização restrita à segregação espacial. Nos Estados Unidos, as mulheres negras inscritas na cultura afro-americana labutavam nos serviços domésticos na adoção de uma política econômica estabelecida pelo gênero² e pela raça identificada a uma construção social e política, baseada em atributos fenotípicos, a partir da: qual se processam as relações entre grupos raciais (MICHEL WIEVIOKA, 2007: 28).

Na esteira da reapropriação do conceito, o seu uso corrente dirige-se à resistência e à resposta ao processo de subalternização no qual as mulheres negras são alocadas nas camadas mais baixas, povoam o imaginário social produtor de representações sociais, formas concretas de se explicar o mundo nas sociedades ocidentais, em particular, no mundo globalizado constitutivo da pobreza, atributo visível concentrado em espaços específicos associados à desigualdade soerguida na modernidade.

Na perspectiva dos acontecimentos, as experiências compartilhadas sublinham as hierarquias sociais, balizam um conjunto de riquezas materiais. Em Bourdieu (1998), acrescidas do capital cultural do capital social as vivências apropriadas às condições de dominação nas práticas representacionais.

² Joan Scott (1998), em recente definição da categoria de gênero a explicação historicamente determinada não apenas construída sobre a diferença de sexos. Essa é uma categoria usada para pensar as relações sociais que envolvem homens e mulheres, relações historicamente determinadas e expressas pelos diferentes discursos sociais sobre a diferença sexual. (SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". Porto Alegre: UFRGS, 1990).

Ocupo um lugar nessa história e tomo a ideia de alguém portador da consciência. Sublinho esse hábito alimentar designado a um campo de ação no propósito de oposição à escravidão e seus efeitos duradouros, legado dos meus antepassados disponíveis ao racismo, o efeito perverso de atuação disseminada no tecido social.

(...) o racismo consiste em caracterizar um conjunto humano pelos atributos naturais, eles próprios associados às características intelectuais e morais que valem para cada indivíduo dependente desse conjunto e, a partir disso, pôr eventualmente em execução práticas de interiorização e de exclusão. (MICHEL WIEVIORKA, 2007: 9).

O hábito em Bourdieu (1990) se apresenta como social e individual ao mesmo tempo, é um instrumento que articula as questões relacionadas às classes sociais no seio dos dominantes e dominados equipados na distinção de identidade própria. A descrição é dirigida na terceira pessoa, sou deslocada na condição de narrador- testemunha, firmada no não protagonismo da história escorada na linguagem, nessa lente mais ampla que transmite e objetiva um ponto de vista variado sobre o que é sondado. Conforme Gilberto Velho (1997), nem sempre o familiar é conhecido e significa conhecer todas as regras de interação praticadas naquele espaço. A preocupação em relativizar acentua-se como forma de amenizar a influência de determinadas classificações, julgamentos e conceitos prefixados.

(...) O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido.(...) ³

³ Velho, Gilberto, Observando o familiar. In Individualismo e Cultura Notas para uma Antropologia da Sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar, 1997:126.